

O PLANEJAMENTO DE ENSINO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O APERFEIÇOAMENTO DAS PRÁTICAS DOCENTES

Maria Sheila Alves da Costa
Universidade Federal de Campina Grande- Graduanda em Pedagogia. E-mail:
msheilinhares@gmail.com

Laiza Kamila dos Santos Silva
Universidade Federal de Campina Grande- Graduanda em Pedagogia. E-mail:
laizakamillapedagogia@gmail.com

Maria de Lourdes Campos
Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal de Campina Grande, curso de Pedagogia. E-mail:
mlcampos_10yahoo.com.br

Resumo

O estudo intitulado “O planejamento de ensino e suas contribuições para o aperfeiçoamento das práticas docentes”, objetiva refletir acerca das contribuições do planejamento escolar, no processo de ensino-aprendizagem, visando assim, compreender melhor, a importância do planejamento como elemento de qualificação do trabalho docente, visto que, na atualidade ainda presenciamos muita resistência de alguns professores no tocante ao planejamento sistematizado das suas atividades didático-pedagógicas. Para a construção deste trabalho utilizamos como metodologia uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em discussão, tendo como premissa o aporte teórico dos estudos de Maximiano (2012), Farias (2011), Morin (2003), Vasconcellos (2000), Padilha (1998) e Freire (1996). O estudo em questão reforça a necessidade de planejar as atividades inerentes ao trabalho docente, de forma ética, flexível e consciente, enfatizando que apesar de importante o planejamento ainda tem sido negligenciado e realizado de forma mecânica por muitos docentes, o que exige desta forma repensar o planejamento numa concepção dialética de reflexão-ação.

Palavras-chave: Planejamento de ensino. Prática docente. Aperfeiçoamento no ensino.

Introdução

O interesse pelo estudo da temática planejamento de ensino, surgiu a partir da dicotomia existente no discurso teórico/prático, de docentes, quando se referem ao planejamento, visto que, mesmo ao enfatizar a necessidade e importância de se planejar para potencializar a aprendizagem, muitos docentes, ainda, no cotidiano escolar, continuam resistentes ao ato de planejar.

O presente estudo tem por objetivo refletir a cerca das contribuições do planejamento escolar, no processo de ensino-aprendizagem, visando assim, compreender melhor, a importância do planejamento como elemento de qualificação do trabalho docente. Diante da relevância do planejamento, tomamos como referencia estudos já publicados na área, e reflexões, a partir de concepções corriqueiras, de alguns docentes.

No desenvolvimento deste estudo utilizamos como fonte de coletas de dados uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com acepção de Fonseca (2002, p.32), “a

pesquisa bibliográfica é feita a partir de um levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”.

Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo que segundo Minayo (2003), possibilita mediante estudo de obras relacionadas a um tema específico o esclarecimento e aprofundamento de questões já exploradas.

Concepções de Planejamento

Querendo ou não, o ato de planejar em prol do alcance de um determinado objetivo, é vivenciado todos os dias e em todos os locais, seja por homens e mulheres. Ao estabelecermos a ordem de execução e cumprimento de nossas atividades diárias mais básicas como: acordar, escovar os dentes, tomar banho e em seguida nos alimentarmos sem dúvidas estamos planejando.

Logo, com o planejamento escolar não é diferente, entretanto, devido a múltiplos fatores sociais e escolhas subjetivas de cada professor, o planejamento tem se tornado uma ação engessada e sem sentido de transformação social.

Os motivos deste cenário atual são diversos, como por exemplo: acúmulo de trabalho, exigências à produtividade acadêmica exacerbada, dificuldade em lidar com cobranças escolares, negligências conscientes no percurso do processo formativo, descaso com a profissão escolhida, falta de compromisso com o ser humano, competitividade de mercado, egocentrismo que se sobrepõe à ética de ensino e dentre outros, acabam na maioria das vezes tornando o ato de planejar esvaziado de sentido, que em sua essência deve ser compreendido como,

[...] uma ação reflexiva, viva, contínua. Uma atividade constante, permeada por processo de avaliação e revisão sobre o que somos, fazemos, e precisamos realizar para atingir nossos objetivos. É um ato decisório, portanto, político, pois, nos exige escolhas, opções metodológicas e teóricas. Também é ético, uma vez que põe em questão ideias, valores, crenças, e projetos que alimentem nossa prática (MARIA, 2011, p. 111).

Pouco ouvimos dos docentes a afirmação que o planejamento das atividades escolares é um ato desnecessário, contudo, o que presenciamos nos estágios em Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, presenciamos o descaso com planejamento escolar, muitos estão mais preocupados com o repasse mecânico dos conhecimentos curriculares a serem repassados, até o término do ano letivo. Pouco ou

nada tem se disposto a contribuir para uma real transformação social positiva a ponto de afetar a realidade social e o processo de ensino- aprendizagem dos educandos.

Sobre estas disparidades entre discursos e práticas de muitos professores sobre o planejamento, (MORIN, 2003, p. 11) esclarece: “Em vez de corrigir esses desenvolvimentos, nosso sistema de ensino obedece a eles”, planejar deve perpassar uma visão reducionista do ato de ensinar somente devido ao uso mecânico e desleixado de planos de aula ineficientes, tal ato exige ética, flexibilidade e sensibilidade docente.

Ainda referente a esta questão Maximiano (2012), assinala que os principais tipos de planejamento abordam concepções administrativas escolares de perspectiva estratégica, táticas e operacional para um bom funcionamento escolar, nesse sentido, o planejamento estratégico levará em consideração a análise de influências internas e externas ao ambiente escolar favorecendo precisão e margens de erro para metas planejadas a curto, médio e longo prazo.

As variáveis da execução juntamente com as contingências do percurso também são analisadas e revistas como forma diagnóstica de prevenção e precaução para dificuldades operacionais gerais e específicas. Quando adotada pela gestão escolar, essas modalidades de planejamento possibilitam o redirecionamento e avaliação de ações engessadas e inadequadas à realidade escolar.

No planejamento Tátil, o objetivo base é aperfeiçoar alguma área escolar identificada pela gestão como falha ou crítica. O operacional se remete capacitação do sujeito que se dispõe a planejar. A hierarquia nesse processo não deve ser vista como indispensável, contudo, deve apresentar caráter flexível e dialógico para otimização dos resultados almejados.

Infelizmente, o planejamento de algumas instituições escolares ainda acaba por negligenciar uma formação cidadão baseada em princípios e valores de convivência humana ética e respeitosa, limitando-se apenas a registros de conteúdo e quantificação de notas. Acerca destes ocorridos Freire, (1996) acrescenta que o ato de planejar deve ter em sua égide nos princípios éticos que inibe conscientemente o docente de reduzir sua experiência de ensino, a um mero treino alheio de repasses conteudistas sem nenhum planejamento pedagógico que se direcione para atender as carências humanas do aluno em formação. Assim,

Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de

fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se, se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando (FREIRE, 1996 p. 16).

Ao refletirmos sobre o planejamento escolar de caráter formador, interessante é ressaltar na visão de Freire, sua preocupação em não amesquinhar o ensino justamente por planejarmos e formar acima de tudo seres humanos que pensam, refletem, contradizem e formam opiniões.

Maria (2011), ao compreender a estruturação básica do planejamento de ensino mediante: objetivos, conteúdo, metodologia, recursos e avaliação, caracteriza os objetivos como a coluna dorsal do planejamento, visto que, todos os demais aspectos devem estar inter-relacionados em prol de seu alcance, o que possibilitará maior probabilidade de êxito no avanço discente.

Sabendo disso, nos direcionando para o planejamento administrativo escolar, como podemos refletir com clareza nas possibilidades de progressão da gestão escolar, se boa parte dos gestores e professores ainda negligenciam a construção do Projeto Político Pedagógico, que de acordo com Vasconcellos,

[...] projeto pedagógico é um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita re-significar a ação de todos os agentes da instituição (1995, p.143).

Pensar sobre as ações cotidianas da escola e seus potenciais de progressão mediante a construção do projeto político pedagógico implica em uma administração escolar dinâmica e atenta a planejar ações estratégicas em curto médio e longo prazo que possibilitem de forma consciente engajar professores, diretores e alunos em prol do alcance de metas desafiadoras a gestão.

A metodologia presente no planejamento escolar não necessita estar totalmente pronta, inflexível, e acabada, visto que, o docente deve estar atento a contingências metodológicas que podem e devem ser repensadas para sistematização efetiva do ensino.

Tipos de Planejamento

Como já dito anteriormente o planejamento está presente em todas as atividades humanas. Logo, nos referindo ao campo de atuação educacional, abordaremos alguns tipos de planejamento que nos auxiliaram na compreensão da

organização escolar estando entre eles: O planejamento de ensino, planejamento curricular, planejamento escolar e planejamento educacional.

Caracterizado por Padilha (1998), como um processo de decisão sobre a atuação organizada e sistematizada do trabalho pedagógico, envolvendo as ações e situações de constante interações entre professor e alunos, o planejamento de ensino a variar de suas intencionalidades, pode ser compreendido na organização de como, para que e quem ensinar. Tais indagações favorecem ou privam ações desenvolvidas por professores e alunos que se propõe a formar sujeitos críticos, passíveis de mudanças, dialógicos e éticos.

Ao pensar o processo de organização e sistematização dos conteúdos propostos a serem ensinados, é necessário compreender o planejamento curricular como:

[...] tomada de decisões sobre a dinâmica da ação escolar. É a previsão sistemática e ordenada de toda a vida escolar do aluno. Portanto, essa modalidade de planejar constitui um instrumento que orienta a ação educativa na escola, pois a preocupação é com a proposta geral das experiências de aprendizagem que a escola deve oferecer ao estudante, através dos diversos componentes curriculares (VASCONCELLOS, 1995, p. 56).

Dessa maneira, o planejamento curricular norteia os conteúdos anuais a serem trabalhados a médio e longo prazo, entretanto, cabe informar que precisar ser flexível e não fixo, readaptando-se sempre que possível às contingências das subjetividades encontradas, por parte dos alunos em sala de aula.

O planejamento da gestão escolar, evidenciado por Libâneo (2001), se direciona a processos de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. Nesse sentido, o planejar adquiri uma visão ampla e plural, tendo em vista a necessidade de abordar por meio do ensino diferentes estratégias que incluam todos os contextos sociais.

Sendo o planejamento educacional entendido por Vasconcellos como o mais amplo e politicamente norteador das intencionalidades de ensino e aprendizagem de todas as modalidades de planejamentos já mencionadas acima ele “[...] é o de maior abrangência, correspondendo ao planejamento que é feito em nível nacional, estadual ou municipal. Incorpora e reflete as grandes políticas educacionais, com alto grau de intencionalidade tem por objetivo uniformizar o ensino e atender em sua grande maioria a interesses políticos que devem e podem estar relacionados ao tipo de formação que se deseja ofertar a uma nação.” (VASCONCELLOS, 2000, p.95).

Ter ciência dos tipos de planejamento é essencial no desenvolvimento de uma educação libertadora e de qualidade, porém, o professor não está isento de falhas no percurso, visto que, o planejamento em qualquer uma de suas modalidades nunca abordará ou resolverá todas as necessidades educacionais do aluno de um só vez, é um processo que requer um planejamento permanente, para que assim, possibilite ajustar às lacunas que vão surgindo no espaço de sala de aula..

Diante disso, o autor supracitado atenta sobre as demasiadas expectativas de avanços educacionais depositadas em muitos professores mediante as cobranças no planejamento de ensino por muitos gestores:

Inicialmente o professor foi “seduzido” pelas promessas do planejamento, como se através dele tudo pudesse ser resolvido. Só que depois, à medida que as coisas não aconteciam, foi desacreditando, se decepcionou, mas continuou cobrado para que fizesse: caiu-se no vazio do fazer alienado. Deixou de ser uma autêntica elaboração, tornando-se uma prática do fazer por registro (VASCONCELOS, 2000, p.34).

Para tanto, faz necessário entender que não é essa ou aquela estrutura de planejar que por si só potencializará os resultados escolares, mais sim o ato docente de refletir quantas vezes for necessário sobre as carências educacionais dos alunos, direcionando e desenvolvendo os conteúdos específicos para alcance de suas aprendizagens. Pois, caso não ocorra, (VASCONCELLOS 2000, p. 159), enfatiza, “Estamos aqui correndo o risco de duas tentações extremas: de um lado, o planejamento se tornar o tirano da ação, ou de outro, se tornar um simples registro, um jogo de palavras desligado da prática efetiva do professor.”.

Talvez, se tentássemos compreender e sanar o motivo pelo qual muitos professores reconhecem a importância do planejamento, porém, desacreditam no ato de planejar, poderíamos iniciar de forma concreta e não apenas teórica um planejamento com resultados satisfatório. Visto que:

Parece ser uma evidência que muitos professores não gostem e poucos simpatizam em planejar suas atividades escolares. O que se observa é uma clara relutância contra a exigência de elaboração de seus planos. Há uma certa descrença manifesta nos olhos, na vontade e disposição dos professores, quando convocados para planejamento.(MENEGOLA e SANT’ANNA, 2001, p. 43).

Por outro lado, também devemos compreender que nem sempre o professor terá condições de realizar todas as suas atividades com os recursos necessários, e tais

dificuldades que possam ser manifestadas no percurso do ensino escolar não justificam a antipatia em planejar,

Precisamos distinguir a flexibilidade de frouxidão: é certo que o plano não pode se tornar uma camisa de força, obrigando o professor a realizá-lo mesmo que as circunstâncias tenham mudado radicalmente, mas isto também não pode significar que por qualquer coisa o professor estará desprezando o que foi planejado (VASCONCELLOS, 2000, p. 159).

Refletir sobre a presença da flexibilidade ou da frouxidão no planejamento não é algo fácil, pelo contrário, é um processo complexo e cheio de variáveis que exige consciência ética do professor, tanto no trabalho intelectual para organizar as ideias mais pertinentes ao assunto, na metodologia mais adequada para alcançar os objetivos propostos, ou, no contorno e substituição de recursos que facilitem a compreensão discente.

Assim, dois caminhos se apresentam ao discente na contemporaneidade, optar em ser flexível e planejar uma aula de forma eficaz com o que se tem, ou, acomodar-se a suas dificuldades economizando o máximo de trabalho possível, já que alguns professores pensam que seus alunos nada entendem ou querem entender, manifestando assim, descaso no ato de planejar. Para superar e ou minimizar tais questões, o planejamento precisa ser compreendido como um ato político, ético, moral, intencional.

Por fim, estas reflexões acerca do ato planejar exige o repensar das práticas dos professores, supervisores e gestores, nas múltiplas instituições educativas. Logo, é fundamental diagnosticar às dificuldades e traçar os ajustes necessários, com o redirecionamento de novas ações, para que de fato, os objetivos do processo-ensino aprendizagem sejam atingidos.

Considerações Finais

Este estudo nos possibilitou discutir a importância do aperfeiçoamento do planejamento escolar, bem como, à necessidade dos docentes superarem a dicotomia existente referente ao planejamento em seus discursos e práticas.

A partir das discussões teóricas apresentadas, podemos evidenciar a necessidade de desenvolver práticas escolares de planejamento flexível, norteadas para o alcance de um dado objetivo que seja em suma aborde primordialmente o desenvolvimento integral e cidadão de todos os alunos.

Estas discussões certamente irão contribuir significativamente em prol de um ensino de qualidade nas escolas brasileiras, enfatizando consequentemente a indispensabilidade do movimento dialético reflexão-ação que favorece a abertura de caminhos educacionais ainda não percorridos por muitos docentes.

Portanto, este estudo se propôs a refletir em torno das concepções, formas e tipos de planejamento, externando a importância de se delegar atenção prática e teórica ao planejamento de ensino atrelado a perspectivas de cunho ético, discursivo-prático, flexível e intencional, ressaltando que a efetividade do planejamento está associada a aspectos teóricos, práticos e sócio-políticos.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola** – Teoria e Prática. 3ª ed.- Goiânia, Alternativa, 2001.
- MARIA, Isabel Sabino de Farias. **Didática e Docência**: Aprendendo a profissão. 3º Ed. Nova ortografia. Brasília. Líber Livro. 2011.
- MAXIMIANO. Amarau. **Teoria geral da administração**. São Paulo. Atlas, 2012.
- MENEGOLLA e SANT'ANA, Maximiliano e Ilza Martins. **Porque Planejar? Como Planejar? Currículo e Área-Aula**. 11º Ed. Editora Vozes. Petrópolis. 2001.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2003.
- PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento Educacional**: a visão do Plano Decenal de Educação para Todos. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1998.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. Ladermos Libertad-1. 7º Ed. São Paulo, 2000.
- VASCONCELLOS, Celso Santos. **Planejamento**: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.